

MAARA - Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária

CATER - Coordenadoria de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

URCA-NE - Unidade Regional de Capacitação e de Apoio ao Desenvolvimento do Nordeste

SEMINÁRIO: "Espaço e desenvolvimento Rural II"

Documento de trabalho nº 9

URCA-NE

Abril de 1994

rc ok



SUMÁRIO

Apresentação

I. DIAGNÓSTICO E VALORIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE ITINERÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO

1. Análise das situações e mudanças históricas

- 1.1. Caracterizar as mudanças
- 1.2. Diferenciar as tendências gerais das opções
- 1.3. Identificar os indicadores de mudança

2. Formalização teórica de uma gramática de construção do espaço

- 2.1. A organização dos recursos e do espaço
- 2.2. A articulação entre diversas escalas
- 2.3. A elaboração de modelos

3. A formulação de cenários prospectivos

- 3.1. As perspectivas a nível local
- 3.2. Relação com as grandes tendências regionais

II. A OPERACIONALIZAÇÃO DO ENFOQUE

1. Contribuição para a análise de outros espaços e processos

- 1.1. Integração dos resultados de outros estudos
- 1.2. Utilização para o planejamento municipal

2. Validação de instrumentos de apoio ao planejamento

- 2.1. Contribuição para a implantação de sistemas de informação
- 2.2. Contribuição para a abordagem do meio
- 2.3. Análise das tendências
- 2.4. Pedagogia do espaço rural

3. Criação de uma rede de cooperação

- 3.1. Formalização dos projetos
- 3.2. Operacionalização da rede de cooperação
- 3.3. Definição dos produtos da rede
- 3.4. Valorização dos produtos

Conclusão

Bibliografia

ANEXO:

Resultados dos estudos de Itinerário de Desenvolvimento (ID) das comunidades de Alagoinhas/RN, Calumbí/CE e Lagoinha/BA.

APRESENTAÇÃO

Este seminário aconteceu exatamente um ano depois do primeiro evento desse gênero, que concretizou a reflexão metodológica da equipe da URCA-NE e orientou as linhas de trabalho programadas e desenvolvidas desde junho de 1993.

Foi, portanto, uma oportunidade para a equipe da URCA-NE valorizar uma série de atividades e estudos, em particular do ponto de vista teórico, conceitual e metodológico, em torno da análise de Itinerários de Desenvolvimento local.

PARTICIPANTES

MEMBROS DA URCA-NE:

Equipe residente:

Carlos Alberto Vilela Barbosa	EMATER-PE
Isac Sales Filho	EMATER-PE
Paulo Magalhães Uchôa	EMATER-PB
Aderval Monteiro Valença Dias	EMATER-PB
Rita de Cássia Ferreira Lima	EMATER-AL
José Rafael Barbosa	EMATER-AL
José Holanda Neto	EMDAGRO-SE
Marcondes Oliveira da Silva	EMATER-CE
Ivanildo Sá de Castro	EMATER-CE
Raimundo Nonato Pinheiro	EMATER-RN
Francisco Ivo de Freitas Melo	EMATER-RN
Antônio Meiron Braga	EMATER-PI

Pesquisadores do CPATSA:

-) Pedro Carlos Gama da Silva - Coordenador da URCA-NE;
-) Francisco Pinheiro de Araújo;
-) Carlos Alberto da Silva.

Consultores:

-) Bernatd Hubert - Médico Veterinário e Ecólogo (Diretor do Departamento de Sistemas Agrários e Desenvolvimento do INRA);
-) Yves Clouet - Agrônomo (CIRAD/SAR);
-) Patrick Caron - Consultor permanente (CIRAD/SAR-EMBRAPA/CPATSA);
-) Eric Sabourin - Consultor permanente (CIRAD/SAR-EMBRAPA/CPATSA).

Redação e organização do documento: Eric Sabourin

Revisão: Patrick Caron

Objetivos do seminário

-) reforçar a metodologia de análise dos processos de desenvolvimento e de organização do espaço rural, em particular para as escalas do município e da região;
-) valorizar os primeiros estudos de Itinerários de Desenvolvimento em termos de análise comparativa e construção de modelos;
-) operacionalizar os resultados obtidos em termos de instrumentos de apoio ao planejamento.

Conteúdo e metodologia

-) apresentação e análise comparativa dos três estudos de caso;
-) produção de referências metodológicas (indicadores de mudança);
-) contribuição para a análise da construção do espaço rural;
-) reflexão sobre a interação entre escalas e a utilização dos estudos de Itinerários de Desenvolvimento para o planejamento municipal e regional;
-) representação gráfica, construção de modelos, elaboração de produtos pedagógicos (fichas, textos de apoio);
-) reflexão sobre a operacionalização dos projetos e a criação de uma rede regional de cooperação.

I. ANÁLISE E VALORIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE ITINERÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO

A URCA-NE definiu três linhas de atuação, a primeira sendo o estudo e análise de Itinerários de Desenvolvimento (ID). Trata-se de uma metodologia de análise de experiências locais, tentando situá-las no contexto das dinâmicas regionais, de maneira a produzir informações susceptíveis de subsidiar o planejamento aos níveis local e regional.

Metodologia da análise comparativa dos estudos de ID

. Análise das situações e mudanças históricas:

-) identificação dos períodos de transição (sucessão de mudanças);
-) manejo e gestão das transições (identificação das opções disponíveis nos momentos de transição e das escolhas feitas pelos produtores);
-) identificação dos indicadores¹ de mudança.

. Formalização teórica de uma gramática de construção do espaço rural integrando a interação entre diversas escalas.

. Formulação de cenários prospectivos:

1. **Análise das situações históricas:** Esta fase consiste em identificar e situar os períodos de mudança ou de transição do uso dos recursos produtivos e a gestão dessa transição, mais ou menos brutal, pelos atores do desenvolvimento.

Trata-se também de situar na trajetória temporal essas mudanças em função do seu contexto:

-) definir a forma de transição e a característica da mudança;
-) precisar as opções disponíveis para cada mudança e as escolhas específicas que foram realizadas;
-) precisar os indicadores de mudança.

1.1. Caracterizar e diferenciar os tipos de mudanças:

. Pela sua intensidade (ver figuras 1 p.8 e 16):

-) transições suaves, progressivas, integradas (caso da comunidade de Lagoinha - Massaroca);
-) rupturas brutais, mutações (Calumbi - Tauá);

¹**Indicador:** variável observável, medível, que permite identificar ou acompanhar uma situação ou um processo.

-) revoluções...

No caso do Nordeste, podemos distinguir:

- a) a adaptação interna ao ambiente externo: transição suave, domínio da relação com o exterior, com os polos de desenvolvimento, os mercados; os polos urbanos (caso de Irecê, Massaroca, Vale do Jaguaribe);
- b) "revolução" (tecnologica, política ou social) com mudanças bruscas (por exemplo, o desenvolvimento das infra-estruturas rodoviárias);
- c) reestruturação: recomposição do sistema, das regras sociais (por exemplo, a cerca e o capim buffel).

. Pelos vetores de mudança:

-) vetores ativos ou voluntários:

-) intervenção externa: transferência de informação, de tecnologia de capital;
-) migrações.

-) vetores passivos:

-) rios, pontes, etc;
-) chegada de uma estrada, de uma ferrovia.

. Pelos seus ritmos (ver figura 1. p.8):

-) ritmo interno (mais lento, mais controlado);
-) ritmos externos (não controlados, independentes das lógicas locais, dependentes de centros de decisão externos);
-) emergência (fase de crescimento);
-) "velocidade de cruzeiro";
-) caída, desestruturação, abandono, êxodo (ou integração a outros sistemas).

1.2. Diferenciar as tendências gerais das opções específicas

. Situações típicas e atípicas:

-) típica é a marginalização da agricultura familiar;
-) atípica é a situação dos produtores de feijão da região de Irecê-BA (a não ser o ano de 1994!).

- . Identificação das opções: por exemplo, o sistema de herança:
 -) divisão igualitária da propriedade entre herdeiros (leva a processos de minifundização);
 -) manutenção da unidade de produção na sua integralidade e transmissão ao filho mais velho (ou mais jovem).
- . Caracterização das escolhas e tomadas de decisão:

Por exemplo:

-) o sistema de crédito rural favorece os líderes, os mais ricos, e contribui para a diferenciação social;
-) o sistema de crédito é cooperativo, limitando os subsídios aos mais pobres, tem contribuído para manter as unidades de produção, antes consideradas como não viáveis.

Figura 1: Exemplo de representação esquemática da evolução ou das características de itinerários de desenvolvimento.

1.3. Identificação dos indicadores de mudança

Indicadores, critérios, fatores:

Devemos diferenciar os fatores de mudança, os critérios e os seus indicadores. Vejamos alguns exemplos:

Os grandes fatores:

Por exemplo:

-) a estrutura fundiária, ou a utilização da mão de obra;

Os fatores específicos: relacionados a situação da agricultura familiar nordestina, confrontando as grandes empresas:

-) a concentração fundiária;
-) a dependência de trabalho assalariado.

Os critérios permitem medir e precisar esses fatores, por exemplo:

-) os movimentos fundiários e a compra de terras pelas empresas;
-) a dupla atividade.

Os indicadores ajudam a evidenciar, **caracterizar** e acompanhar a evolução desses critérios e fatores, por exemplo:

-) o nº de ha de terra comprados pelas empresas a pequenos proprietários no ano;
-) o nº de dias de trabalho fora da unidade de produção familiar no ano.

Diferentes tipos de indicadores

Existem indicadores de estado, situação (estruturais), mudanças (conjunturas, transição), bloqueios (problema do sistema).

Existem indicadores qualitativos (densidade fraca ou forte) e quantitativos (18 hab/km^2).

Os indicadores não são fixos, podem evoluir, devem, portanto, ser acompanhados.

EXEMPLOS DE CRITÉRIOS E INDICADORES DE MUDANÇA PARA O NORDESTE SEMI-ÁRIDO:

A. RECURSOS NATURAIS E SUA EXPLORAÇÃO

-) presença ou grau de acesso a água;
-) qualidade das águas;
-) tipo de vegetação (natural, artificializada - cultivada, densa, clara, degradada, etc), intensidade do desmatamento;

B. POPULAÇÃO E ESPAÇO

-) densidade de população, exemplo de expressão qualitativa: fraca, equilíbrio, saturação);
-) saturação: emigração, conquista de novos espaços, ampliação;
-) fraca: imigração, concentração fundiária;
-) equilíbrio.

Exemplo de expressão quantitativa: nº de hab/km², nº de cab/ha, nº de propriedades < 100 ha, % de propriedades > 500 ha, % de agricultores sem terra.

-) estrutura fundiária:
 -) concentração fundiária;
 -) concorrência;
 -) divisão fundiária (herança igualitária ou não);
 -) preço da terra.

C. SISTEMAS DE PRODUÇÃO E PRODUTOS

-) sistemas extractivos: venda (onde?, como?, a quem?);
-) sistema de criação: expressão qualitativa
 -) extensivo, semi-extensivo, confinado;
 -) com ou sem raças novas, com ou sem uso de forrageiras.
-) sistema de criação: expressão quantitativa
 -) modificação do nº de cabeças (data, período, proporção);

-) proporção de bovinos/pequenos ruminantes;
-) evolução do tipo e nº de animais no tempo;
-) nº de cabeças/produtor;

-) sistema de cultivo:
 -) expressão qualitativa: subsistência, misto, renda, data de aparecimento de novas espécies, variedades;
 -) expressão quantitativa: área cultivada de milho e feijão por produtor;
 -) área de cultivos de renda;
 -) proporção com relação a área total/produtor.

D. MÃO-DE-OBRA

-) origem e natureza: familiar, contratada, assalariada;
-) existência de dupla atividade;
-) relações de trabalho e estruturas sociais (ajuda mútua, multirão, etc);
-) dados quantitativos: número de dias de trabalho fora da propriedade, valor da diária (evolução em US\$), etc.

E. CAPITALIZAÇÃO E DIFERENCIACÃO SÓCIO-ECONÔMICA

-) aplicação dos investimentos (produtivos e não produtivos e suas consequências);
-) migração para capitalização;
-) descapitalização (consequências e diferenciação social).

F. RELAÇÕES COM O EXTERIOR

-) intervenção externa (natureza, data, importância), por exemplo: Igreja, crédito, ATER's, etc);
-) difusão de inovações tecnológicas (tipo e data);
-) difusão de informações (tipo e data);
-) integração das cadeias comerciais e agroindustriais (que data?);
-) organização dos produtores (tipo, época, etc).

2. Formalização da leitura de uma gramática da construção do espaço

2.1. A organização dos recursos e do espaço

Já falamos no seminário anterior (1993), da reestruturação, da reorganização dos recursos produtivos, a propósito dos itinerários de desenvolvimento.

Para uma leitura dinâmica desses fenômenos, é preciso apreciar a especificidade de cada situação quanto a organização e sobretudo, quanto a apropriação dos recursos.

Existem várias etapas:

-) *situação extensiva: com apropriação limitada, densidade demográfica fraca, habitat disperso, antes da colonização²;*
-) *ocupação progressiva do espaço pela colonização, reinvidicação da propriedade privada, até a saturação do espaço pelo processo de ocupação;*
-) *apropriação individual e fechamento do território pelo cercamento;*
-) *intensificação ou migração e concentração fundiária.*

Existem diversas sequências possíveis:

A ocupação do espaço se dá através de uma sucessão de construções, que não se repete obrigatoriamente da mesma forma.

O espaço rural, é uma **construção social**, ou seja, um território onde os atores sociais e os agentes econômicos, em função dos seus interesses e projetos, implementam estratégias que vão se traduzir em mudanças na exploração dos recursos ou na sua utilização.

Existem também passagens de uma situação a outra, pontes, rupturas, degraus, etc.

2.2. A articulação entre diversas escalas

A articulação e a integração entre escalas diferentes são essenciais. Três são os principais níveis considerados:

O nível regional, nacional e internacional é a escala dos fenômenos globais (preços e mercado internacional, políticas de câmbio, sistema de crédito agrícola, políticas agrícola e agro-

² Colonização no sentido de conquista de novas terras, novos espaços agropecuários.

industrial, etc), das grandes decisões que afetam o desenvolvimento, mas dependem de distantes centros de decisão.

O nível municipal, no contexto político-institucional atual, é uma escala privilegiada para o planejamento rural:

-) *Nele se encontra a maioria dos serviços e instituições ligados ao desenvolvimento;*
-) *permite a participação da população e dos atores locais;*
-) *no contexto atual de municipalização, é um palco de tomada de decisão cada vez mais importante.*

O município constitui, hoje, uma unidade administrativa autônoma, com poder de decisão, recursos próprios e capacidade para mobilizar competências técnicas.

O nível local é a escala da exploração dos recursos, das ações e operações de desenvolvimento junto aos atores locais. Geograficamente, pode corresponder a uma ou várias comunidades dentro de uma pequena região, ou até ao conjunto de um pequeno município.

O enfoque consiste em integrar esses três níveis e as suas inter-relações (articulações e pontes de uma escala para outra). Para isto, é preciso sempre definir e diferenciar quais são os níveis apropriados para a ANÁLISE, para o PLANEJAMENTO e para a AÇÃO. Isto supõe um processo de ida e volta permanente (dialética) entre os níveis micro e macro (Figura 2).

2.3. A elaboração de modelos

Para facilitar o planejamento e a utilização de novas referências, convém elaborar modelos das situações agrárias locais. Um modelo é uma representação esquemática da realidade. A sua elaboração se dá a partir da identificação:

-) de critérios e indicadores de mudança apropriados, como já vimos;
-) de regras gerais e circunstâncias de evolução mais específicas das situações agrárias.

Os modelos explicativos dos itinerários de desenvolvimento são concebidos como construções teóricas da realidade, elaboradas e validadas a partir de observações pertinentes, em função dos objetivos do estudo. Esses modelos devem fornecer um quadro de análise que possa ser aplicado a outras situações, ou permitir a sua identificação rápida.

Esse enfoque não é normativo. As informações produzidas não

devem servir de base para a reprodução de fenômenos identicos, o que não seria possível, na realidade, devido a complexidade e especificidade de cada situação. Mas, devem fornecer elementos que possibilitem entender mais facilmente uma situação, e tomar decisões.

É preciso fazer abstrações dos casos concretos para pensar na elaboração de "modelos", de uma gramática de construção do espaço, identificando as regras que se reproduzem, se repetem.

A representação gráfica ou simbólica desses esquemas ou fenômenos ajudam a compreensão, a valorização e a comparação entre diversos modelos (Figuras 1, 3, 4 e 5).

3. Formulação de cenários prospectivos

3.1. As perspectivas ao nível local

O primeiro resultado do estudo de itinerário de desenvolvimento deve ser, logicamente, a formulação de um (ou vários) cenário(s) para o desenvolvimento rural da zona estudada.

Esse cenários podem se traduzir em termos de hipóteses, dependentes de fatores ou decisões em níveis superiores, de opções, dependendo de decisões locais, e das suas possíveis consequências para prazos maiores.

3.2. Relação com as grande tendências regionais

A confrontação dos itinerários de local com a evolução a nível dos municípios, já fornece elementos para conferir quais as perspectivas que aparecem como específicas das situações locais, quais aquelas que se verificam em ambientes diferentes, ou em escala regional.

A título de exemplo, podemos indicar algumas tendências gerais quanto a construção do espaço rural nordestino, identificadas a partir dos três primeiros estudos de I.D.. A sua confirmação por novos estudos, de certas tendências, poderia vir a lhes conferir a qualidade de regras:

-) existe uma lógica de colonização do espaço (geralmente com a pecuária extensiva) e de apropriação privada progressiva com as cercas;
-) existe uma tendência à divisão fundiária pela multiplicação de heranças igualitárias;
-) existe uma concentração fundiária ligada a expansão das empresas onde existem terras férteis e/ou irrigação;
-) observa-se uma transformação dos antigos eixos (e fluxos) de penetração do Sertão (rios e pistas) pelos novos eixos ferroviários e rodoviários;
-) observa-se uma abertura e integração progressiva ao mercado através da implantação de vias de comunicação (telefone, estradas, rodovias,...) e de infra-estruturas produtivas (irrigação, eletrificação rural, polos agro-industriais) uma participação da agricultura familiar na sucessão de ciclos produtivos (algodão, mamona, gado, etc).

II. A OPERACIONALIZAÇÃO DO ENFOQUE

1. Contribuição para a análise de outros espaços e processos

1.1. Integração dos resultados de outros estudos

Nenhum estudo local, diagnóstico, zoneamento, análise de itinerário de desenvolvimento constitui um fim, mas sim um meio (uma ferramenta); também nunca está concluído, porque a situação real não para de mudar. Este tipo de estudo deve, portanto, ser considerado como um elemento de uma série de **referências**³, de uma sucessão de contribuições que se complementam (todas essas tentativas precisam ser atualizadas), isto supõe, portanto, a integração de novos indicadores, de novas informações. Nesse sentido, a URCA-NE já programou estudos de preços e mercados, de cadeias produtivas, de análise institucional, etc.

1.2. Utilização para o planejamento municipal

A confrontação, através de uma restituição dos resultados dos estudos de Itinerários de Desenvolvimento com a demanda dos atores locais (população e serviços técnicos), permite um diagnóstico participativo, que pode ser o ponto de partida das ações de planejamento local (TONNEAU, 1994).

Para escalas maiores (municípios, por exemplo) ou mais complexas (situações diversificadas, área de atuação de um projeto ou de uma cooperativa, por exemplo), algumas sondagens ou verificações rápidas nas outras comunidades ou localidades permitem constituir um zoneamento a partir dos saberes de "pessoas-chave" selecionadas entre os atores locais (SANTANA et al., 1994).

Exemplo: o caso do estudo do ID de Massaroca, com relação ao Município de Juazeiro-BA.

1.3. Contribuição do estudo de caso ao entendimento e à análise do espaço rural, municipal e regional

O estudo da situação da comunidade de Lagoinha pressupõe a necessidade de entender sua trajetória em relação à evolução do município de Juazeiro-BA.

-) Ocupação do espaço e apropriação dos recursos naturais com base em sistemas extensivos (pecuária extensiva, extrativismo) e ligada à disponibilidade de recursos hídricos;
-) diversificação e, certas vezes, intensificação da produção em função das características dos recursos naturais e das oportunidades de escoamento no mercado. Essa diversificação é necessária devido à baixa

³Referência é constituída por um resultado (informação, método esquemático) e pelas suas condições de obtenção e de validação.

produtividade da pecuária. Ela se dá, quer através da agricultura, quer através de atividades não agrícolas (assalariamento, comércio, extrativismo);

-) *intensificação acelerada dos fluxos comerciais com o exterior: os intercâmbios do município de Juazeiro passaram de um eixo fluvial para um eixo terrestre (estrada de ferro, BR-407) e, atualmente, até aéreo (aeroporto de Petrolina).*
-) *uma integração da agricultura familiar à economia de mercado, contrariando o discurso dominante, que caracteriza a pequena produção como de subsistência. Ela se traduz, em particular, por uma sucessão de ciclos de produção (carne, pele, mandioca, algodão, mamona, melancia, etc) estreitamente ligados aos mercados regional, nacional e internacional e por uma diferenciação espacial e social. O crescimento urbano da cidade de Juazeiro oferece, hoje, oportunidades à comercialização de produtos diversificados;*
-) *concentração demográfica nas zonas mais favorecidas (solos, água para consumo ou irrigação, vias de comunicação) como é o caso da região de Massaroca;*
-) *o acesso ao capital, às inovações e ao mercado, vem sendo causa e consequência das diferenciações observadas.*

2. Validação de instrumentos de apoio no planejamento

2.1. Contribuição para a implementação de sistemas de informação

A produção de indicadores adaptados e pertinentes para o acompanhamento da evolução das situações agrárias é o principal passo e elemento para a elaboração de sistemas de informação locais ou regionais:

-) Sistemas de Informação Geográfica: os SIG's que associam uma cartografia informatizada (infografia) ao banco de dados, permitem uma representação espacial dos dados;
-) Sistemas de Informação Agro-econômica: como núcleos de observação e acompanhamento de preços e mercados, por exemplo.

2.2. Contribuição para a abordagem do meio

A metodologia dinâmica e sistêmica de estudo dos processos de desenvolvimento revela ser também muito eficiente aplicada ao estudo do espaço rural.

As viagens de estudo à Lagoinha, Calumbi, Alagoinha e a visita ao município de Pintadas deram a oportunidade de verificar

e exercitar essas práticas (ver fichas técnicas ou pedagógicas em anexo) :

-) observação do meio: como proceder a uma leitura da paisagem. Como observar? A partir de um ponto alto, nas fendas naturais ou artificiais do solo, segundo um transecto, etc;
-) como fazer uma visita de campo;
-) como elaborar "mapas mentais" ou representações esquemática do espaço local com a participação dos atores.

O interesse desses métodos e instrumentos, é que, além de permitir coletar informações, possibilitem qualificar essas informações. Por exemplo: quem deu essa informação foi fulano de tal, é um agricultor sem terra, teve tal experiência e pensa dessa maneira por tal e tal razão.

Isto ajuda a perceber as diferenciações, os conflitos, os problemas e a identificar as diversas estratégias dos atores locais.

Evidentemente, este tipo de método funciona na medida que existe um problema real, e que a nossa intervenção corresponde, ou coincide com uma demanda local.

2.3. Análise das tendências

Para completar o quadro regional em matéria de tendências de evolução das situações agrárias, faltam estudos complementares, os quais já estão em curso ou programados para as próximas etapas:

-) o estudo de cadeias produtivas (atividade realizada pela equipe de pesquisadores da área sócio-econômica do CPATSA para 6 produtos da agricultura familiar);
-) a análise das estratégias dos atores:
 -) produtores (individuais e coletivos);
 -) comerciantes;
 -) empresas.

Esses estudos são realizados pontualmente, e ligados aos estudos de circuitos econômicos (cadeias produtivas).

-) a confrontação entre as economias camponesas, mercantis e os sistemas agro-industriais. Seria uma forma de síntese dos trabalhos e resultados dos dois primeiros eixos.

Uma cartografia dessas relações (S.I.G.) deveria completar o banco de dados sobre acompanhamento dos preços e mercados.

2.4. Pedagogia do espaço rural

Uma das inovações pedagógicas desse seminário e da experiência da URCA-Nordeste na região, quando não no Brasil, foi ter experimentado e adaptado representações gráficas do espaço e das dinâmicas agrárias, a partir da simbolização coremática (THERY, 1986 e BRUNET, 1990).

Para maior informação, estão sendo preparadas as fichas pedagógicas sobre o estudo do meio e a representação do espaço (ver figura 3).

A título de exemplo, apresentamos em anexo, a representação da evolução agrária no município de Mossoró (RN), através de coremas realizado num microcomputador com o programa Harvard Graphic (HG) e as representações do Itinerário de Desenvolvimento de Calumbí (Tauá-CE), Alagoinha (RN) e Lagoinha (Juazeiro/BA) (Figuras 6,7 e 8).

III. CRIAÇÃO DE UMA REDE DE COOPERAÇÃO

Esta parte final do seminário, já foi objeto de uma novo encontro específico no mês de junho que permitiu concretizar a criação dessa rede regional. Portanto, nos limitamos aqui a indicar as principais linhas da discussão no fim do seminário de abril de 1994.

3.1. Formalização de propostas (projeto retorno)

-) análise dos projetos individuais e do contexto;
-) negociação com a instituição de origem.

3.2. Operacionalização da rede de cooperação

-) necessidade de uma estrutura de orientação e de uma estrutura de legitimação;
-) obtenção de acordos (estruturas, negociação institucional);
-) procura de meios (financeiros, humanos), via projetos e orçamentos.

3.3. Definição dos produtos da rede

-) atividades, metodologia de trabalho (eventos, visitas, capacitação);
-) produtos finais: relatórios, jornal, publicações, etc (avaliar prazos, custos, problemas materiais).

3.4. Valorização dos produtos

-) divulgação, capacitação (Como? Onde?);
-) acompanhamento e avaliação;
-) relação com a URCA-NE e com a CATER.

CONCLUSÃO

Não podemos fechar este relatório sobre o seminário "Desenvolvimento e Espaço Rural II", sem lembrar os bons e maus momentos:

A justaposição com uma avaliação programada de última hora por parte da CATER/SER, em pleno início do seminário que paralizou muitos debates, fez perder um tempo precioso e dificultou o ambiente de trabalho.

As cumplicidades e o respeito mútuo que se desenvolveram durante um ano entre os residentes da URCA-NE, os pesquisadores do CPATSA, os consultores permanentes ou ocasionais, como resultado dessa qualidade nas relações. Foi quase "qualidade total".

O sentimento, em abril, é hoje, a prova de que aconteceu algo importante. Para retomar as próprias palavras de Bernard HUBERT, "conseguimos juntos dar passos metodológicos, ainda frágeis, mais sem dúvida, fundamentais para o desenvolvimento rural na região Nordeste".